



LUGARES POSSÍVEIS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari¹

Resumo: Falar de linguagem implica falar de vários elementos que envolvem a identidade de uma nação, tais como a língua, a cultura, a arte. Mesmo no mundo globalizado, o mundo dos não-lugares da supermodernidade, ainda é a língua que representa a alma e a identidade de um povo. Sabemos que os conceitos da globalização acabam por estremecer as concepções identitárias, criando aquilo que a pós-modernidade chama de crise. A literatura, arte que existe na linguagem e pela linguagem, tem um papel importante na sedimentação da cultura e da tradição do espaço em que ela surge. À luz de reflexões teóricas feitas por Marc Augé, Terry Eagleton e pelo crítico brasileiro Antonio Candido, entre outros, acerca de conceitos referentes a espaço, local, cultura e identidade, veremos criticamente que feições tais termos podem assumir na criação literária brasileira contemporânea na poesia de Manoel de Barros e na prosa de João Gilberto Noll.

Palavras-chave: local, regional, cultura, literatura brasileira contemporânea.

*“Tudo o que não invento é falso”
(Manoel de Barros)*

I

Os estudos literários contemporâneos apontam para uma reflexão acerca do estatuto da literatura enquanto linguagem. Falar de linguagem implica falar de vários elementos que envolvem a identidade de uma nação, tais como a língua, a cultura, a região, a arte. O discurso literário visto em interface com esses outros discursos produz reflexões que levam o leitor a tratar essa relação como produção de sentidos. Sentidos esses que se fazem a partir do lugar em que a literatura se encontra hoje: um reino múltiplo onde se coloca em trânsito as fronteiras da tradição e da crítica. Os debates

¹Doutoranda e Mestre em Teoria da Literatura pela UNESP de São José do Rio Preto, Professora do Instituto Federal de Rondônia, Campus Vilhena – E-mail sandra@ifro.edu.br

sobre as fronteiras, embora mais fortemente discutidos nas últimas décadas do século XX, ainda continuam em voga, sobretudo quando se referem a áreas humanas tão afins como é o caso da literatura e dos estudos culturais, que, embora pareçam distantes em alguns pontos, em outros, se estreitam. Esse dado consensual passa a ser o ponto culminante de declínio dos estudos totalizantes da arte. A rejeição às totalidades, a saturação das regras e normas, próprias do pensamento pós-moderno, acabam por criar um tipo diferente de crítica, no qual as demais áreas do conhecimento passam a tomar parte das formulações conceituais dos estudos literários. No centro dessas relações tensivas, a produção literária de hoje se coloca em um eixo deslocalizante, que causa impacto conceitual e tira do prumo as estruturas da teoria. Nesses limites críticos surgem várias formas de se ver o complexo: literatura, cultura, espaço, identidade.

A literatura, arte que existe na linguagem e pela linguagem, tem um papel importante na sedimentação da cultura e da tradição do espaço em que ela surge. Cultura e literatura formam eixos aparentemente antagônicos, vistos do prisma ortodoxo da crítica. Dado esse estado de pensamento crítico, ressurgem o termo *regionalismo*, que por sua vez está intimamente relacionado com identidade local de uma cultura. Este termo é muitas vezes visto como “uma pedra no sapato”, algo que incomoda e subvaloriza, de acordo com critérios próprios, o *status* literatura.

Mas a literatura nunca foi, de fato, totalmente autônoma às outras áreas do conhecimento. Ela sempre existiu a partir de um povo, de uma comunidade e plasmam em sua construção elementos da realidade em que surge. Toda obra literária é um produto histórico, de um indivíduo inserido numa sociedade por meio de múltiplos pertencimentos. Lembramos, ainda, o pensamento de Antonio Candido de que “a literatura existe onde existe um povo que vive e sente”.

Acrescente-se a isso o fato de que as artes de agora, em geral, primam pela reprodução técnica. Neste caso, a literatura parece voltar-se cada vez mais para o *que* se diz em oposição ao *como* se diz, não perdendo, entretanto, a sua identidade de ter mais sentidos do que funções. Eis por que hoje se publicam livros que tratam de nuances diversas e de espaços específicos, que aparentemente sugerem a recuperação dos costumes locais; romances que se configuram com tom de biografia ou autobiografia,

representações culturais ou, ainda, relatos pessoais. A exemplo disso, apenas para citar, no romance do escritor Cristovão Tezza, *O filho eterno*, encontramos, grosso modo, o relato de fatos que deixam de ser uma suposta autobiografia para se transformar em ficção. Acrescentamos também, neste ponto, o romance/novela de Milton Hatoum “Órfãos do Eldorado”, que consegue refutar toda a experiência real para transformá-la em ideal, resgatando, por meio de construções míticas, elementos determinantes da cultura e dos costumes de um povo. Por causa de obras como estas, é dada à palavra artística a condição autônoma na qual o seu valor está tanto nos sentidos que ocultam como nos que revelam. Sentidos que identificam um povo, um local, um modo de vida. Por isso, a interrelação entre literatura e cultura e, por consequência, a ideia de local ser uma das formas de visão crítica na atualidade.

Desta forma, a atenção dada aos estudos culturais e sua interface com a literatura é que vai orientar este artigo, sem, contudo, defender uma única ideia, já que a visão imutável das coisas cedeu lugar, já há algum tempo, para a relatividade do modo de vida contemporânea.

II

Posto isto, tentaremos delinear pensamentos a respeito da interação cultura e literatura. Primeiro, é necessário discutir algumas significações para as palavras *cultura*, *local*, *regional*, termos que se ouve muito quando se fala em crítica literária contemporânea. Começemos por tentar entender o sentido de cultura e alguns de seus diferentes desdobramentos semânticos. Vale lembrar que arriscar a compreensão do conceito de cultura, hoje, é pensá-la como um aspecto particularmente sensível da vida social. Se quisermos entender a nossa época, é preciso lançarmos um olhar sobre a cultura. O termo Cultura, popularizado nas últimas décadas como “culturas”, pode ser pensado como uma forma não só de conservação identitária de um povo, mas também como transformação dessa identidade. Ao contrário do que possa parecer, o termo, hoje, não denota mais o sinônimo de civilização pregado pelo Iluminismo, já que

vivemos num mundo “incivilizado”. Eagleton, em seu livro “A idéia de cultura”, diz que “é com o desenvolvimento do colonialismo do século XIX que o significado antropológico de cultura como modo de vida singular começa a ganhar terreno. E o modo de vida em questão é aquele dos ‘incivilizados’”. (2005, p.43)

Enquanto os iluministas associavam cultura à civilização, hoje, prega-se um mundo sem normas, sem valores, isto é, “inculto” aos moldes do Iluminismo. Além disso, o termo cultura na pós-modernidade está muito ligado à concepção midiática. Vivemos conforme as regras ditadas pela mídia, num mundo de hiper realidades, mundo este que move, por meio do pensamento cultural, as linhas de um trapézio chamado pós-modernismo. A esse respeito, Charles Lemert afirma: se se quer encontrar o pós-modernismo, é necessário antes de tudo olhar a cultura” e ainda acrescenta que a cultura é “um aspecto particularmente sensível da vida social.” (2001, p. 43)

Outro ponto a ressaltar é que o termo “cultura” se transformou em “multiculturas”, já que a visão plural do mundo contemporâneo, pregada pela globalização, ou mundialização, como querem alguns críticos, rechaça o conceito de universalidade. A identidade de sujeito globalizado, ironicamente, pode ser vista do ponto de vista da individualidade. Segundo Hall, “a identidade torna-se uma celebração móvel formulada e transformada continuamente”. (2005, p.13). Sobre este aspecto, a crítica contemporânea tem traçado inúmeras reflexões. Atrelados a estas questões surgem outros termos, tais como: local, espaços identitários de um determinado povo ou nação, que na contemporaneidade ganham novas facetas.

Essas questões vêm a calhar e talvez dialogar com o termo “regionalismo” tão discutido em toda a história da literatura. O que é regionalismo, grosso modo, se não a presença de elementos peculiares culturais de uma determinada região a que pertencem autor e obra? Entretanto, para os estudos literários, a questão parece não ser tão simples assim. Façamos um retrospecto destas reflexões: A busca da identidade cultural e regional foi um marco importante na consolidação da literatura brasileira, desde o início de sua formação até os tempos atuais. Assim, podemos afirmar que o regionalismo, como conceito “cristalizado”, sempre foi a “marca registrada” da literatura brasileira e que vem, no caso do romance, desde José de Alencar. Com ele temos esta fisionomia

que identifica tal peculiaridade e busca um compromisso com a paisagem e os costumes do povo brasileiro. O romance regionalista, nesses moldes, foi, sem dúvida, uma etapa necessária para tornar sólida a literatura nacional. Diríamos que essa consolidação, ainda que tímida, está ligada à definição da cultura e da literatura brasileira que Antonio Candido propõe em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*.

Após o seu surgimento no Brasil, o romance “regionalista” passa por várias transformações, chegando até ser colocado de lado pela crítica, relegado a uma linguagem de pura alienação nacional. Basta pensar na preocupação nacionalista exacerbada de uma parte de José de Alencar, no sertanismo de alguns escritores românticos e de outros do início do século XX, estes, numa tentativa de recuperar o lado pitoresco já superado pelo Romantismo, acabam por distanciar-se da noção de obra “regionalista”.

A condição de país de “terceiro mundo”, carregada pelo Brasil por muito tempo, reforçou por um longo período o veio regionalista em nossos escritores e obras. Por mais de séculos, a arte e a cultura de nosso povo ficaram aliadas a essa condição “periférica”, que acabou por colocar em jogo uma identidade própria. Talvez por isso mesmo, a nossa cultura literária se apropriou daquilo que é alheio. Daí, o regionalismo ser o espaço, na obra literária, em que o autor cria para representar e apresentar a cultura e a arte de seu povo, e, de maneira crítica, recria os contrastes e os conflitos entre as duas realidades.

Essas discussões ganham novo formato nos estudos literários contemporâneos. Agora não há mais a preocupação em consolidar uma identidade nacional, artística e cultural. Os elementos de regionalidade são vistos do prisma da não intencionalidade, passando a problematizar o *status* dicotômico entre local e universal. Uma das coisas que todo o mundo conhece, mas não sabe explicar muito bem é que a política de um país reflete o modelo de sua cultura e de sua produção artística.

III

A literatura no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, configura-se numa forma de “constelação modificada”, conforme afirma Linda Hutcheon (1991). Essa ressignificação artística e cultural contribuiu para um novo panorama de cultura, que interferiu de maneira incisiva no conceito de espaço geográfico, cultural e artístico. Surge uma intensa produção poética advinda dos chamados grandes centros urbanos, que sofrem influências da cultura e da comunicação de massa. Isso acaba por descentralizar a identidade humana. No romance, há o desfazimento das estruturas, que produzem a instabilidade do sujeito e dos espaços vividos por ele e traçam a tensão entre universal e local.

Partindo dessas reflexões de que a criação artística não pode desprezar os traços de origem do homem e do local que ela traduz, remetemo-nos a algumas aporias sobre o “espaço” da contemporaneidade na obra de João Gilberto Noll. Em especial, no romance “Hotel Atlântico”, notamos que o leitor caminha com o narrador por uma viagem a vários locais “reais”. Somos conduzidos para dentro da obra por meio da atuação do personagem, sem nome, que perambula sem destino, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, passando por vários locais e bebendo de seus matizes culturais. Todo o percurso transcorrido pelo personagem nos leva a espaços reais que acabam se tornando não-espaços. A forma antropológica de ver o sentido de “espaço” reforça a busca identitária do indivíduo que define “lugar” como uma configuração espontânea de posições. Marc Augé, em *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2007), alude que “a rua seria o domínio da sombra e da noite”. Noll firma sua narrativa nos não-lugares da supermodernidade: hotel, ônibus, rua, escada, estrada. Tanto que “o espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão” para o protagonista.

Essa experiência ficcional urbana perpassa a obra de Noll. Seus narradores são sempre desabrigados, sem teto, de rua, que se perde de sua própria identidade. É a busca de um não-lugar que o identifica e que reflete e refrata a legitimação do sujeito como tal, lugar próprio de pensar o lado sensível do real:

Olhei em volta, averiguando se havia espaço para abrir o mapa em toda sua extensão. Coloquei as pernas para as partes lateral do banco. Enquanto eu abria o mapa ia lembrando do que eu tinha dito para o motorista do táxi. Que eu faria um tratamento contra alcoolismo no interior de Minas.

No mapa o interior de Minas parecia um formigueiro de localidades. Os meus olhos desceram um pouco, entraram pelo interior de São Paulo, pararam no Paraná. (...) Dobrei o mapa, disfarçadamente coloquei-o debaixo da bunda. Depois me levantei e saí andando. Não dei cinco passos, uma mulher sentada no banco da frente me chamou __ Ei, senhor, o senhor esqueceu alguma coisa ali. Olhei para trás, para o espaço onde eu estivera sentado, vi o papel dobrado no assento do banco, me virei para a mulher, abanei a cabeça dizendo: __ Não é meu.

Resolvi comprar uma passagem para Florianópolis. (...) De repente uma ilha: era o tema que me interessava. (NOLL, 2004, p.22.)

Neste trecho, o narrador se coloca numa constante e incerta busca do seu lugar. Um lugar em que ele prefere que seja isolado do resto do mundo, uma ilha. No decorrer da obra, caminha por várias paisagens imaginárias, reais e pitorescas representadas tanto por elementos locais urbanos como pelos de periferia. Esses locais são próprios de sujeitos nômades, transitórios e “flutuantes”, sujeitos que não estabelecem nenhuma relação duradoura com o lugar no qual transitam. O narrador sente necessidade de estar sempre em “estado de viagem” para um lugar indefinido, como se estivesse sempre em busca de algo que não sabe explicar o que é. Um lugar onde ele possa ter encontros casuais, na condição de “estranhos”. Na definição de Bauman, no livro *Modernidade líquida*, o encontro de estranhos é um *desencontro*, “é um evento sem passado. Frequentemente é também um evento sem futuro, uma história para não ser continuada” (2001, p. 111).



Noll, nesta obra, retrata um ser que não se adequa ao espaço, cujas relações são fluidas e passageiras, o que remete a um sujeito incivilizado, perdido na multidão e que se vê em constante fuga dos espaços públicos para espaços isolados.

Outro exemplo disso, num universo diferente, mas não completamente oposto ao de Noll, é a obra do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Nele encontramos um caso pouco comum de representação espacial, pois sua poesia se utiliza do universo de plantas e bichos do Pantanal para deslocá-los da experiência do ínfimo, ao mesmo tempo em que aposta num grau elevado de universalidade. Com grande capacidade de articulação da linguagem instrumental e utilitária, o poeta transporta os elementos por ele conhecidos e os transfigura em invenção artística de excelência. Em “memórias inventadas” vemos de que forma isso se configura:

APRENDIMENTOS

O filósofo Kieckeggard me ensinou que cultura é
o caminho que o homem percorre para se conhecer.
Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim
falou que só sabia que não sabia nada. Não tinha
as certezas científicas. Mas que aprendera coisas
di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas
das árvores servem para nos ensinar a cair sem
alardes. Disse que fosse ele um caracol vegetado
sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente
aprender o idioma que as rãs falam com as águas
e ia conversar com as rãs. E gostasse mais de
ensinar que a exuberância maior está nos insetos
do que nas paisagens. Seu rosto tinha um lado de
ave. Por isso ele podia conhecer todos os pássaros
do mundo pelo coração de seus cantos.
Estudara nos livros demais. Porém aprendia mais no ver,
no ouvir, no pegar, no provar, no cheirar.
Chegou por vezes alcançar o sotaque de suas origens.

Se admirava de como um grilo sozinho, um só pequeno
grilo, podia desmontar os silêncios de uma noite
Eu vivi antigamente com Sócrates, Platão, Aristóteles-
esse pessoal. Eles falavam nas aulas: quem se
aproxima das origens se renova. Píndaro falava pra
mim que usava todos os fósseis linguísticos que
achava para renovar sua poesia. Os mestres pregavam
que o fascínio poético vem das raízes da fala.
Sócrates falava que as expressões mais eróticas
são donzelas. E que a beleza se explica melhor,
por não haver razão nenhuma nela. O que de mais eu sei
sobre Sócrates é que ele viveu uma ascese de mosca.
(BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: a segunda infância.*)

Estes versos de Manoel de Barros evidenciam que o mais importante para a sua obra é perder as grandes certezas e reduzi-las aos saberes “di- menor”, que são gerados pelo que não se escreve em livros, pelas coisas simples da natureza em profusão com o próprio “acontecimento” poético. Em outras palavras, sua obra transpõe as verdades científicas para uma realidade transfeita e carregada de elementos locais próprios da infância do poeta e do espaço pantaneiro. Manoel de Barros é chamado por muitos de “poeta do Pantanal”, mas sua criação ultrapassa os limites preestabelecidos pela crítica. Ela se recusa em ser simplesmente a representação da cultura e dos costumes locais de origem. Isso faz com que a questão de espaço, em sua obra, seja configurada no mundo mágico das coisas banais retiradas do cotidiano local. Em toda construção poética de Barros o universal e o particular parecem acontecer simultaneamente, alcançando uma existência transcendente, no qual todos os “fósseis linguísticos” renovam e presentificam a sua criação, já que o “fascínio poético vem das raízes da fala” e a fala é uma representação peculiar da cultura e da identidade de um povo.

Desta forma, a obra de Barros, neste caso, diferentemente de *Hotel Atlântico*, sugere um discurso que prima pela articulação da linguagem com os elementos locais, o sujeito estabelece uma relação íntima com o lugar no qual acontece uma unificação até certo ponto afetiva que os identifica: “Seu rosto tinha um lado de ave/Por isso ele podia



conhecer todos os pássaros /do mundo pelo coração de seus cantos.”. Entretanto os elementos locais ficam em segundo plano, mas não perdem “o sotaque de suas origens”. Há um desprendimento estético no processo criativo de Manoel de Barros, que leva o poeta a afirmar que a “Beleza se explica melhor por não haver razão nenhuma nela”. Nesse sentido, o espaço regional não se faz de forma a salientar os elementos de identidade local e cultural, mas as peculiaridades locais alcançam uma existência que as transcende.

Com estas reflexões, estamos diante de uma multiplicidade de conceitos que acabam dando uma roupagem diferente, nos tempos atuais, à cultura e à literatura. Notamos que essas questões (cultural, região, local, identidade) aparecem de várias formas e de vários estilos na produção literária contemporânea. Os escritores citados acima são exemplo desse reino múltiplo. A polivalência de ideias em relação às identidades culturais acaba multiplicando os estilos e a forma de ver a literatura. Ambas, cultura e literatura, dialogam constantemente e se cruzam na forma subjetiva de enxergar o mundo de sua época.

Estas questões colocam obras de muitos bons escritores contemporâneos na “linha bamba” dos estudos culturais e dos estudos críticos da literatura. Esse estado de coisas estabelece-se como uma faca de dois gumes: se olharmos a literatura apenas como depositária de sua “cor local” e como mera divulgação da cultura incorreremos no risco de fadá-la a sua não perpetuação. O mesmo acontecerá se em defesa do literário ignorar-se qualquer fator externo a ele. Todo grande texto nasce do seu tempo e alimenta-se das suas aporias e por esse motivo os termos discutidos pela crítica de hoje colocam num mesmo caldeirão a cultura, o local, os espaços identitários e a literatura.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não- lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 1994.



- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas, a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. S. Paulo: Brasiliense, 1994.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre regionalismo e literatura. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995,p. 153-159.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Trad. Sandra Castelo Branco; revisão técnica Cesar Mortari. São Paulo: Unesp, 2005.
- _____. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Trad de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2005.
- FACINA, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LEMERT, Charles. **Pós-modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Loyola, 2000.
- NOLL, João Gilberto. **Hotel atlântico**. São Paulo: Francis, 2004.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCRAMIM, Susana. **Literatura do presente: história e anacronismo dos textos**. Chapecó: Argos, 2007.
- TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. São Paulo: Record, 2007.